PÁGINAS AZUIS

GERALDO AMÂNCIO

AS LIÇÕES DE UM MESTRE CANTADOR DE VERSOS AFIADOS

| TRAJETÓRIA | Mestre da Cultura, cantador, poeta, violeiro e escritor, Geraldo Amâncio rememora ao O POVO as memórias de 75 anos de vida e quase 60 de carreira

Criações na hora

DURANTE a entrevista, feita por telefone, Geraldo cantou, vocalizou, batucou e até criou versos na hora, como "Quem está falando aqui é / O Geraldo repentista / Pra nossa João Gabriel / Que é um grande jornalista".

Presença on-line

POR CONTA do cenário da pandemia, o cantador intensificou a presença nas redes sociais. No canal do YouTube do mestre, já há quase 40 vídeos, entre registros antigos e cantorias novas. Confira no link: bit.ly/GeraldoAmaralnoYoutube.

150 vezes em 1º lugar

O CANTADOR participou de diversos festivais, ganhando o 1º lugar em mais de uma centena deles. "Foi bonito. Apenas Santos Saraiva teve a honra de ganhar 15 cantorias e eu venci mais de 150 festivais, ele é conhecido no mundo e eu não sou conhecido em ao Centro", diverte-se.

De volta em Iguatu, fiz um programa no rádio, uma coisa bem que cantador tem ou tinha que ser porque eu aprendi a cantar no Poraim. Cesare Dre muito vontade de aprender. Quando por volta de 1968 surgiu o rádio alto de Piranhas, que existia naquela região toda. Então, o programa era Iguatu e foi morar em Cajazeiras, Paraíba e fiz um de João Pessoa. Em 1971, Pedro Bandeira promoveu o primeiro festival de repentistas em Jaguaribe do Norte e foi com Caboclinho da Lira. Ensaiei o dia pra nada nem, meu gentilmente o primeiro lugar. No ano seguinte, eu ri de forastero, me casei e fiquei morando em Jaguaribe durante muito tempo, quando eu fiz um programa com Pedro Bandeira.

ANISTIA

OP – De 1964 até 1985, fomos inclusive de ditadura militar no Brasil, e só que em 1979 o senhor participou de uma caravana com cantadores, embaixadores e repentistas que rodou o Brasil pedindo anistia irrestrita. De que forma se deu esse envolvimento?

Geraldo – Um político chamado Giuseppe Tosconi Lima-1978, que era vereador e muito elegante do município e do carnaval, organizou uma viagem por 15 ou 17 capitais. Eramos quase 10 duplas de repentistas, violeiros, violinistas, existidores, todos pedindo anistia. O ônibus foi o seguinte: pra frente ia o governo, o duplo encarregado era Jerusalém Tão Nova fazendo o repentista que formou, duplo com Antônio e parte dos nossos 3700 e eu. Andamos muito perto de apanhar. Naquele tempo o DOI (Serviço Nacional de Informações), órgão de espionagem do ditadura) era uma coisa muito forte. Em Belém, no Theatro da Paz, estávamos eu e o Presidente fazendo apresentação, o governo mandou um cara dizer: "Como vocês vieram aqui sem ter dado que tinham ir ao teatro de pedir o governo aplaudindo vocês?" Agente do DOI. Não demorou muito de saída, mas graças a Deus a gente conseguiu sair fora. A gente fizera muito forte. Os outros cantadores todo e qualquer momento, mas eu e Tão Nova em ao pra falar mal, dizer que era uma ditadura que outros pode. A gente ouvia os nossos mais famosos são regional. Ouvia que tinha que voltar a democracia, que tinha que ter existia voto e liberdade.

PANDEMIA

OP – Numa correlação, vi que o senhor com postando nas redes sociais uma série de produções que abordam temas ligados à pandemia, como a fome e a demora na vacinação. Como o senhor encara o papel social da cantoria?

Geraldo – Tenho colocado muito pra falar tudo que gostaria, porque hoje essa polarização está uma coisa muito triste. Diz decent, pai, uma opinião falando dessa miséria, dessa tristeza, e sempre tem os pirados do lado extremista, né? Digo que não voto em esquerda nem em direita, voto em pessoa. Tenho minha opinião, mas não digo abertamente pra não arrumar um bocado de antipatia e de inimizade, porque a coisa tá muito triste. Olha, tenho 77 anos, já vi políticos assumirem em eleições para presidente da República: Jânio Quadros (presidente entre janeiro e agosto de 1961, renunciou ao cargo), o "homem que ia tirar todo o safado do Brasil". Collor de Mello (presidente entre março de 1990 e dezembro de 1992, sofreu impeachment) o "caçador de marajá". Deu no que deu, diz você tira. Coloco a história de religião envolvida na política, fiz até uma estrofe: "Oração sem caridade / Para Deus não tem valor / Quem só prega por dinheiro / Por mais que ore se extravia / No julgamento supremo / Não passa de um coletor / Falso profeta, enganador / Vil usurpador, explorador / Com discurso sedutor / Com palavra sem verdade / Oração sem caridade / Para Deus não tem valor". Estou fazendo muito e vou fazer sempre.

OP – O senhor conta muitas alegias a seus pares. O que falta, na sua avaliação, um bom cantador?

Geraldo – Ninguém contou tanta bonita do que Pedro Bandeira. Mas é preciso muito cuidado, é muito complexo a história de julgar cantoria. Tenho as minhas avaliações. Se perguntarem qual o cantador mais perfeito que existiu, digo Manoel Xudrina. Os maiores repentistas que conheci foram Louvrival Batista, Rosa do Maranhão, Zé Catota, Pedro Bandeira em todo contexto muito. Tiveram o ponto de um trio com Zé Laura Branco, natureza de Feiticeiro, distrito de Jaguaribe, que foi o maior repentista de minha geração. Você veja como é difícil julgar: ele não foi o maior cantador, mas foi o maior repentista. O cantador se mede, vamos dizer, pelo repentismo, pelo conhecimento que tem de dominar todo e qualquer assunto. Ele pode buscar tratado muito longe e trazer pro cá. Já o grande repentista é aquele que canta o momento. De o assunto e pronto, por exemplo, o cantador não muito preciso se criar um ponto. O repentista é o que vai cantando e é capaz de deixar um assunto pra falar de uma coisa de momento. Passa ele dar um exemplo. Vai dá eu estava cantando com o Laura Branco e tinha um ufologista assistindo que se apaixão e deve cantar, como ele deve um cantor. Terminei dizendo: "Porque que esse doutor não ajuda repentista". Quando deixo isso, o Laura Branco diz "Ele é um grande cantador / Um grande mestre, eu não nego / Canto pra gabar dinheiro / Faz um rego ver um prego / Num se bate de guitar / Até ele fim cego". Intendi

OP – Em outro momento, o senhor já viajou para o exterior diversas vezes levando a cantoria. Como ela chega nos outros países?

Geraldo – Lá vem história com o Pedro Bandeira de novo. Em 1972, surgia um convite pra que eu fosse com ele (Ele: representações no Museu de Etnologia de Lisboa). Fomos a primeira dupla de cantadores que atravessou o Atlântico para se apresentar. Depois surgiram outros cantares, já entre aspas vezes ao Europa, com apresentei em um festival mundial em Belo Horizonte (português e português independente e autônomo do Espanhol) cubriram palestra na Universidade de Coimbra... Estivemos em vários com uma viagem programada para Moscou e para a China, que foi adiada. Entre em Israel e no Palestino perguntando de cantoria. Não encontrei repentista em Israel, uma encontrei na Palestina. A cantoria, João, é uma arte universal. Nos Ilhas Baleares, falam inglês e espanhol. Lá eu cantava em português, eu falo inglês que já no ser o entendo do turista, mas como sempre digo, para onde vou eu não me acompanha eu já vo no frente. Para minha grande surpresa e alegria, depois que cantei na primeira delas, o secretário de Cultura de lá me disse que eu iria representar as atenções e que podia me escolher para me representar o bom que quisesse.

OP – É a poesia que leva à cantoria ou é ao contrário?

Geraldo – A poesia pode estar em qualquer artista. A cantoria depende do meio. No meu caso, o meio foi determinante. É claro que, com a poesia, se acaba. Estou falando da poesia rimada, contada, metrificada, não a poesia "Itabira é um pedra no meio do caminho" (faz referência ao poema "No meio do caminho", publicado em 1930 por Carlos Drummond de Andrade). Falo da poesia de Castro Alves (poeta baiano nascido em 1847 e falecido em 1871) e Augusto dos Anjos (poeta paraibano nascido em 1884 e falecido em 1914). Por que Augusto dos Anjos, poeta parnasiano, não foi cantador? Porque naquele meio não de muita cultura, o pai era um homem rico, foi pra faculdade, fez direito, teve colon, mais de que é do região do litoral. A poesia de cantoria depende do lugar que você nasceu. De Viçosa nasceu no Rio de Janeiro, eu, no mínimo, pelo jeito de muito se escrever. Vou fazer uma comparação meio chata: se o Chico Buarque tivesse nascido onde Geraldo Amaral nasceu, mas todo o infinito e juventude passando da cantoria com os cantares antigos, a poesia que ele aplica aos letras, aplicaria na cantoria, tenho certeza. É claro: não é a cantoria que vai para a poesia, é a poesia que vai para a cantoria – ou para outros segmentos.

OP – Como o senhor avalia o estado de renovação da tradição da cantoria no Ceará?

Geraldo – Cantoria é como o circo, sempre haverá o profeta que vai se acabar, mas não acaba nunca. Temos novos gerações, depois de mim já vieram no mínimo umas três, de gente que canta muito bem. No geração que antecedeu o minha, o cantador que chegou aos 70 anos era aposentado, estudado. Estou com 77 anos e digo o Tão Nova também, pra quem acho ele ou eu dizer "Não estamos com mais de 70 anos de idade". Nosso agente é cheio como se trabalhasse 10 e poucas anos. Outra coisa é que todo cantador antigamente era do região rural, mas hoje temos cantadores urbanos. Por exemplo, um rapaz que trabalha comigo, o Guilherme Nobre, o qual de Alexandria. Tive pelo influência: por que ele se desenvolveu poeta? Eu fazia um programa de TV – por 15 anos, 20 no Jangadeiro e 5 na TV Diário – e ele, vendo, percebeu-se poeta e cantador. Não vai acabar tão cedo. A cantoria não acaba porque para quem torna-se cantador, cantar tira um ofício, uma necessidade. Mesmo que, de por acaso, pertencemos o público de cantoria, ele não acabaria nunca porque os cantadores cantarão uns para os outros.

OP – Em 2018, o senhor recebeu a Viola de Tesouro Viva da Cultura pela Secretaria de Cultura do Estado e a de Notável Saber em Cultura Popular pela Uece. De que forma esse reconhecimento impactou na sua trajetória?

Geraldo – Você acredita que dificilmente eu lembro? Lembro meu produtor Edu Tropa, parece que você não valoriza" falou. E por agora que eu estou despertando mais. Não me deu uma alegria muito grande. Meu grande sonho seria ser professor e não tive essa possibilidade nunca, mas com o título eu chegaí a ministrar palestra, sim, em três colégios do Estado, isso me deixou muito feliz. Pelo menos as mestres da cultura vão ou que estão sofrendo mesmo fome a pandemia) devido a esse apoio, ajuda muito. É de muito relígiosa. Tive cantor de dizer mais que isso mesmo, falou.

OP – Que demandas da cantoria o senhor ainda pretende ver cumpridas?

Geraldo – Meu grande sonho é que o centro e o cantoria estivessem aos pulos nos redes de ensino dos municípios e do Estado. Veja, ele nos vestibulares o gente só vai estar nas questões depois do Patativa do Assaré, que foi muito famoso. Meu grande sonho pelo ano. Continua, poderiam descobrir vocações. Tenho uma boa nova sobre esse pergunta: em Itaú, fui convidado por Domingos Filho (ex-vice-governador) para fundar uma escola de poesia, e que está me deixando superfeliz. Já formamos o convênio. Tudo que tem que permanecer tem que passar pelo escola ou fazer um livro, senão fica seu rai. Outro coisa também é que uma grande dificuldade nos prefeitos que financiam e o fruto de cobertura financeira. O município sempre tem verba para chamar banda de forró e pagar R$ 300 mil, mas não tem R$ 10 mil para fazer um festival de repentista ou coisa tal, pra 40 cantadores. Os poderes públicos deveriam de valorizar mais para a cultura popular, porque há uma necessidade muito grande.

OP
O POVO MAIS
EXCLUSIVO ON-LINE
Confira a versão na íntegra da entrevista, mais fotos e vídeos na área exclusiva.